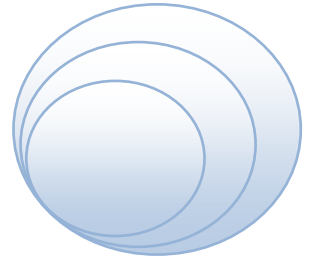


Os *Precipícios do Génio*: Imagens de Byron na Imprensa Periódica do Romantismo Português



Maria Zulmira Castanheira

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa | CETAPS

Na sua vida de poeta colheu o loiro e o cypreste, a rosa e o martyrio, mas sempre a aureola do genio lhe cingiu a fronte como diadema d'ouro.... A verdade de Byron não é a verdade de Homero, de Virgilio, ou de Shakespeare; é a verdade da innocencia e do crime, do desvergonhamento e do pejo, do sorrizo e das lagrimas, da dor e do prazer. (Motta 28-29)

No dia 26 de Abril de 1863 saía na secção do folhetim do jornal conimbricense *A Liberdade* um artigo sem assinatura intitulado “Byron em Lisboa”, recordando a breve estada do célebre poeta romântico inglês, aos vinte e um anos de idade, na capital portuguesa, em Julho de 1809 – completaram-se, pois, recentemente, 200 anos sobre a sua chegada. Aí se diz que a poesia de *Lord Byron*, para uns génio superior e ideal, para outros “o atheo, o jacobino, o impio, o homem *manqué*, a organização viciada”, é pouco lida em Portugal, talvez porque as suas obras são de difícil entendimento e o público prefere “o que é claro e limpido como um tanquesinho do Jardim Botânico, onde falta o

Citação: Castanheira, Maria Zulmira. “Os *Precipícios de Génio*: Imagens de Byron na Imprensa Periódica do Romantismo Português”. *O Rebelde Aristocrata. Nos 200 Anos da Visita de Byron a Portugal*. Org. Maria Zulmira Castanheira e Miguel Alarcão. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, 2010, pp. 24-41.



cisne”, “a tudo o que é sybillino, mysterioso e soberbo como o Oceano, onde ha de tudo, desd’a flor até ao monstro!” (“Byron em Lisboa” 1-2). Significativa a escolha dos adjectivos e a comparação, porquanto “sibilino”, “misterioso”, “soberbo”, “monstro” são termos recorrentes na construção da imagem literária de Byron na época romântica (e para além dela), pejada de poderosos qualificativos encomiásticos e de hiperbólicas definições: “o genio mais sublime e transcendente do seu tempo”, “monarcha da tempestade”, poeta das “tempestades da alma” no dizer de Rebelo da Silva (422), “profeta da desesperação”, como lhe chamou um articulista anónimo em 1845 nas páginas da revista *A Illustração* (“Quatro contemporaneos” 116).

Seriam, porventura, as suas obras lidas de modo pouco consistente entre nós, mas a verdade é que, através dos jornais e revistas, Byron há muito que era celebrado em Portugal como um dos maiores nomes da poesia do século XIX.

Fundamental veículo de divulgação da literatura estrangeira no Portugal do Romantismo, a imprensa periódica, no arco temporal que se estende de 1836 a 1865, contribuiu efectivamente, de modo decisivo, para a popularização do poeta *Lord Byron* (1788-1824) no nosso país, dando a conhecer aspectos da sua vida, emitindo opiniões sobre a sua obra, difundindo um número significativo de traduções e versões portuguesas de algumas das suas composições, divulgando muitos versos de sua autoria sob a forma de epígrafes e citações, e tornando-o, assim, o poeta britânico com maior presença nos jornais e revistas portuguesas da época.

Com efeito, enquanto silenciavam por completo os nomes dos outros grandes poetas do movimento romântico inglês, nomeadamente Wordsworth (1770-1850), Coleridge (1772-1834), Shelley (1792-1822) e Keats (1795-1821), insistindo na vulgarização de escritores pré-românticos de além-Mancha, os colaboradores dos periódicos portugueses reconheceram e renderam-se à genialidade de Byron, ainda que, muitos deles, lhe censuram o pessimismo, o cepticismo, a desesperação – o atrás citado Rebelo da Silva (1822-1871) fala d’ “O sceptico e desconsolado verso de Byron, que enluta o futuro de



sombrios preságios, que vê a existencia e o coração através do crêpe funebre, que nega ao presente a esperança, e ao provir o progresso” (138), dos “negrumes, que empanam todas as composições do inglez” (138), das suas “visões de desesperança, spectros evocados nas vigílias do descreer” (138) –, o radicalismo, o libertinismo, e o condenem, pois, por razões políticas, filosóficas, morais e religiosas. Elogio e censura, exaltação e reprovação marcam, deste modo, o discurso sobre Byron publicado nas páginas dos jornais e revistas, como demonstraremos ao trazer à discussão alguns artigos-chave da recepção crítica e valorativa do poeta inglês nos anos em foco.

Tais juízos foram enquadrando e orientando, ao longo do tempo, a leitura das muitas traduções de poemas de Byron vindas a lume nos periódicos, por vezes não vertidos directamente da língua inglesa original mas antes a partir de versões francesas. Sublinhe-se, aliás, o papel fundamental desempenhado pelas traduções francesas na divulgação do célebre poeta inglês por toda a Europa, começando pelas traduções em prosa de Amédée Pichot (1795-1877), *Oeuvres Complètes de Lord Byron*, publicadas em 10 volumes entre 1819-21. Os estudos de Maria Leonor Machado de Sousa, “‘Tempting Demon’: The Portuguese Byron”, João Almeida Flor, “Byron em Português: para o estudo histórico-cultural da tradução literária” e o meu próprio, “A Literatura Inglesa na Imprensa Periódica Portuguesa do Romantismo”, procederam já ao levantamento e caracterização das composições de Byron a que o público leitor português do período romântico teve acesso no seu idioma através dos jornais e revistas e equacionaram as circunstâncias históricas e os mediadores de tal vaga byroniana em Portugal por via da tradução, pelo que aqui se pretende, tão-só, sistematizar os grandes traços da imagem de Byron que percorre a imprensa periódica nacional de então.

Foi muito forte, como se sabe, o impacte que Byron, o homem e o poeta, teve no continente europeu no século XIX. Uma personalidade fascinante, rebelde e provocadora, uma existência repleta de aventuras, escândalos e transgressões, uma morte prematura aos trinta e seis anos



quando lutava pela causa da independência da Grécia, o que o transformou num heróico mártir da liberdade, explicam, em grande medida, o interesse que a Europa, incluindo Portugal, demonstrou por Byron logo em vida do poeta e posteriormente, sendo frequente os aspectos biográficos atraírem mais atenção do que a própria produção literária. Logo no ano de 1837, um artigo sobre Byron publicado no jornal lisboeta *O Nacional*, afirmava: “Lord Byron é talvez o homem que mais celebre se tem feito em o presente seculo, e para isso concorrerão não menos o seu génio, do que os vícios, e defeitos do seu character” (“Lord Byron” 7109).

O facto de Byron ter vindo ao nosso país em 1809, em plena Guerra Peninsular, e aqui ter permanecido por duas semanas, na companhia de John Cam Hobhouse (1786-1869),¹ o amigo que o acompanhou no *Grand Tour* que o levaria também a Espanha, Malta, Albânia, Grécia e Turquia, concorreu igualmente para o reforçar do interesse da imprensa periódica portuguesa pelo aristocrata poeta, tanto mais que em *Childe Harold's Pilgrimage*, poema em que ficcionalizou essa sua viagem e que lhe trouxe imediata fama internacional (Cantos I e II, 1812), dedicou ao povo e terras lusos algumas estrofes (Canto I, estâncias XIV-XXXIII).

Simultaneamente elogiosos e detractores, por imortalizarem as belezas paradisíacas de Sintra (“glorious Eden”) mas projectarem uma imagem extremamente negativa do nosso povo – “A nation swoln with ignorance and pride”, “poor, paltry slaves! yet born 'midst noblest scenes – / Why, Nature, waste thy wonders on such men?” (estrofes XVI e XVIII, respectivamente) –, tais versos, que seriam futuramente repetidas vezes citados e referidos nos jornais e revistas do nosso Romantismo, ofenderam muitos portugueses, entre os quais Alexandre Herculano (1810-1877), que em *O Pároco de Aldeia*, narrativa rústica de acção contemporânea publicada na influente revista *O Panorama* a partir de Setembro de 1843, os recorda, e censura aqueles estrangeiros que, como Byron, sobre Portugal propagam “todo a casta de absurdos e mentiras insulsas” (81).



Apesar dessa indignação, Alexandre Herculano não escondeu a sua profunda admiração por Byron. Figura de proa do nosso primeiro Romantismo, foi um dos muitos homens de credo liberal que se viram forçados, por razões políticas, a um doloroso exílio, mas aí puderam beneficiar de aprendizagens que se revelariam determinantes não só para o advento do Liberalismo em Portugal mas também para a transição para o Romantismo, incluindo o contacto com a poesia do autor de *Childe Harold's Pilgrimage*. No relato do seu trajecto de Inglaterra para França (1831) que intitularia *De Jersey a Granville* e que viria também a ser publicado pela primeira vez nesse órgão incontornável do nosso primeiro Romantismo que foi a revista *O Panorama*, igualmente em 1843, Herculano, dando provas de como a experiência do desterro proporcionou o travar de conhecimento com as novas tendências da moderna literatura europeia, afirma categoricamente: “Shakespeare e Byron foram dois selvagens, um porque estava além da civilização, outro porque estava aquém dela; mas foram, talvez, as duas almas mais sublimemente poéticas da Europa” (*Cenas de um ano da minha vida* 16-17).

Em 1835, nas vésperas, portanto, do ano que se tornaria decisivo para a afirmação do Romantismo em Portugal, Alexandre Herculano emitira já uma outra opinião relevante sobre Byron, desta feita no n.º 11, de 15 de Março de 1835, do *Repositorio Literario da Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura do Porto*. Na quarta parte de um artigo que vinha sendo publicado desde o número 7 daquele jornal, intitulado “Poesia. Imitação – Bello – Unidade”, e em que, reflectindo sobre os conceitos de “clássico” e “romântico”, formula um programa do Romantismo português – “Diremos somente que somos românticos, querendo que os Portuguezes voltem a uma litteratura sua, sem com tudo deixar de admirar os monumentos da grega e romana: – Que amem a Patria mesmo em Poezia” (87) –, diz:

Isto queremos nós, e neste sentido somos românticos; porem naquelle que a esta palavra se tem dado impropriamente, com o fito de encubrir a falta de genio e de fazer amar a irreligião, a immoralidade e



quanto ha de negro e abjecto no coração humano, nós declaramos que o não somos, nem esperamos se-lo nunca. Nossa theoria fora a primeira a cair por terra diante da barbaria dessa seita miseravel que apenas entre os seus conta um genio – e foi o que a creou –: genio sem duvida, immenso e insondavel, mas semelhante aos abysmos dos mares tempestuosos que saudou em seus hymnos de desesperação: – genio que passou pela terra como um relampago infernal, e cujo fogo mirrou os campos da poesia e os deixou aridos como o areal do deserto; – genio em fim que não tem com quem comparar-se, que nunca o terá talvez, e que seus exagerados admiradores apenas teem pertendido macaquear.

Fallamos de Byron. – Qual é, com effeito, a idea dominante nos seus poemas? Nenhuma ou, o que é o mesmo, um scepticismo absoluto, a negação de todas as ideas positivas. Com um sorriso espantoso, elle escarneceu de tudo. – Religião, moral, affectos humanos, mesmo a liberdade e a esperanza foram seu ludibrio. A leitura dos seus poemas só produz, em geral, descorçoamento ou antes desesperação. Byron é o Mephistopheles de Goethe lançado na vida real. – Virtude e crime, pudor e impudencia, gloria e infamia, que montam em seus cantos sinistros? [...] infeliz pois daquelle que ao acabar de ler Byron não sente no coração um peso insupportavel: – a sua alma será tão escura e tão vasia como a deste poeta sublimemente destruidor. De sua eschola apenas restará elle; mas como um monumento espantoso dos precipicios do genio quando desacompanhado da virtude. (88)

Como se vê, apesar de reconhecer genialidade a Byron, Herculano condena-o pela irreligião, imoralidade e satanismo dos seus versos. Esta ambivalência marcará muitos outros textos sobre o poeta, como o que a seguir se cita, assinado apenas com a letra “M.”, de Maio de 1860:

Foi Byron sem dúvida um talento muito superior, um génio inspirado por fogo divino; mas força é confessar que não desdisse, como homem, das fragilidades e misérias humanas: errou; e os grandes homens são responsáveis perante a humanidade do emprego das suas maravilhosas faculdades. Foi, e é um vulto muito respeitavel em litteratura; mas pela sua influencia sôbre os que o seguiram e imitaram, não está exempto de censura com referencia á moralidade. (M. 58)



Na *Bibliotheca Familiar, e Recreativa oferecida á mocidade portugueza*, de Lisboa, encontrámos um artigo biográfico intitulado “Lord Byron”, datado de 1842, ilustrado com uma gravura que apresenta o poeta trajando de escuro, com o cabelo solto e encaracolado e o colarinho da camisa aberto (ver reprodução *supra*), imagem esta baseada num retrato pintado por Thomas Phillips (1770-1845) que foi pela primeira vez mostrado ao público numa exposição da Royal Academy em 1814. Relativamente curto, fornece alguns dados factuais como data de nascimento e morte, origens sociais e educação, refere que a vida do poeta foi uma série de “extravagancias” e de “intrigas amorosas”, sem entrar, porém, em qualquer



detalhe (nomeadamente o escândalo da relação incestuosa do poeta com a sua meia-irmã, Augusta Leigh, ou a sua bissexualidade), e dá especial relevo à existência errante de Byron, às suas múltiplas viagens. O mais interessante vem a ser, contudo, o primeiro parágrafo do texto, que serve de preâmbulo ao relato cronológico dos acontecimentos, e em que o articulista, anónimo, se por um lado se verga perante a qualidade da obra do famoso poeta (“hoje tão célebre tanto na sua pátria como entre os literatos estrangeiros”), razão de ser da própria notícia biográfica, por outro, escrevendo embora já passados quase vinte anos sobre a morte de Byron, dá também ele voz ao seu patriotismo ferido, lembrando as injúrias feitas a Portugal em *Childe Harold’s Pilgrimage*:

Se não abstrahissemos do seu character de poeta o character de homem e de Inglez, por certo não gastaríamos tempo em dar d’elle idéa a nossos leitores, porque, como Portuguezes, nada lhe devemos; pois que mui injustamente nos tratou no canto 1º do seu *Child-Harold*, denominando-nos *povo de escravos*, e *o ultimo dos escravos!* Mas as injurias passam, e as obras do talento e do genio permanecem. (106)

Falar de Byron exige-lhe, pois, o estabelecer de uma separação entre o homem e o escritor, duas faces que são, na verdade, indissociáveis, como de resto quase todas as notícias que encontrámos comprovam, ao abordarem vida e obra em simultâneo, e dois outros artigos de cariz biográfico, publicados respectivamente n’*O Panorama*, entre Maio e Junho de 1857, e em *O Instituto*, em 1860, confirmam.

“Byron!”, assim se intitula o primeiro, está assinado por Francisco Maria Bordalo (1821-1861),² figura da nossa segunda geração romântica, e apresenta-se não como “um trabalho completo sobre a vida e escriptos de Byron, mas um esboceto biographico e uma ligeira analyse das obras do grande poeta” (Bordalo 174). Dias antes, na mesma revista, o autor havia já dado à estampa um texto de âmbito comparatista, “Parallelo entre as litteraturas alemã e ingleza”, em que afirmara ser Byron “o maior poeta britanico dos tempos modernos (talvez de todos os tempos)” (164), uma



opinião que encontramos com frequência na imprensa periódica de índole cultural e que projecta constantemente a imagem de Byron como nome proeminente e incontornável no panorama da literatura europeia contemporânea. “Byron!” é um artigo relativamente extenso, e o ponto de exclamação que acompanha o nome do poeta inglês no título anuncia o tom empolgado com que dele se fala. Bordalo prefere caldear as apreciações pejorativas de Byron em relação a Portugal com a citação de outros versos de *Childe Harold’s Pilgrimage* em que a opinião do autor inglês nos é bastante favorável – nomeadamente os primeiros quatro versos da estrofe XV do Canto I, “Oh, Christ! it is a goodly sight to see / What Heaven hath done for this delicious land: / What fruits of fragrance blush on every tree! / What goodly prospects o’er the hills expand!” –, e traduz um excerto de uma carta que Lord Byron escreveu, nos primeiros dias em que esteve em Lisboa, ao seu amigo Francis Hodgson (1781-1852), em que se diz felicíssimo por ali estar – “«Sou felicissimo aqui. Como laranjas; fallo pessimo latim com os frades, que elles comprehendem como se fosse o seu; vou ás reuniões com pistolas na algibeira; atravesso o Tejo a nado e galopo sobre um burro ou sobre uma mula; praguejo em portuguez; e além de tudo isto tenho diarrhéa, e sou devorado pelos mosquitos. Mas que importa? Quem corre atraz do prazer, precisa não attender muito á commodidade»”³ –, para com isso demonstrar que o célebre poeta não teve para connosco apenas palavras de desprezo. De resto, Bordalo desvaloriza os infelizes versos que Byron dirigiu aos portugueses em *Childe Harold’s Pilgrimage*, pois considera-os uma pequena mesquinhez que não deve, de forma alguma, obscurecer a admiração que a obra do “genio excepcional” (que compara a Shakespeare e Hoffmann) merece. Lança-se, pois, sem mais demora, apoiado para tal em leituras de biógrafos de Byron que identifica, num resumo da vida do poeta de “bella presença”, em que salienta as suas “peregrinações”, a “vida desregrada”, as relações amorosas com múltiplas mulheres (“foi heroe de muitas anedotas amorosas, e conquistador de algumas beldades”), a luta pela causa da liberdade, ao mesmo tempo que traça o perfil psicológico de um homem



complexo, “orgulhoso”, “selvagem”, “misterioso”, “inexplicável”, que “viveu em guerra aberta com o género humano” e se tornou “ao mesmo tempo o heroe e o cantor das próprias aventuras”. Aos epítetos altamente elogiosos que emprega para qualificar Byron – “grande”, “immortal”, “illustre”, “poderoso”, “inspirado” –, junta-se o adjectivo “sublime” para classificar invariavelmente os seus poemas, de que destaca *Childe Harold’s Pilgrimage*, *The Corsair*, *Lara*, *Manfred* e *Don Juan*.

Francisco Maria Bordalo é um rendido admirador de Byron, como deixara já antever no artigo “Parallelo entre as litteraturas alemã e ingleza”, quando louvara o poeta inglês como um espírito rebelde e um sublime homem de acção:

... porém Byron não pôde respirar no meio da sociedade aonde a sorte o collocara, precisava de sensações extraordinarias; obstaculos, perigos, escrupulos, tudo despresava. Os seus livros não revelam o homem de lettras fechado no gabinete de estudo; denunciam o poeta que se fez á vela do porto n’um dia de tempestade, que passa a nado o Hellesponto, que vae morrer á Grecia como soldado da liberdade. (164-165)

Na sua voz não encontramos reservas em relação ao bardo inglês; pelo contrário, o autor insiste em retratá-lo como o exilado sofredor, vítima de um fatal destino,⁴ alimentando assim o mito romântico do poeta infeliz e incompreendido pela pátria: “Como Homero, como Camões, como quasi todos os grandes poetas, Byron viveu perseguido e calumniado, e morreu longe do seu paiz natal” (Bordalo, “Byron!” 198).

Mais profundo na análise, o artigo “Byron” que António Victorino da Motta (1836-1890), na altura estudante de medicina na Universidade de Coimbra, assinou três anos depois, em 1860, na importante revista *O Instituto*, daquela cidade, veio explicar de forma mais clara do que muitos outros haviam já feito nas páginas da imprensa periódica, a absoluta indivisibilidade entre a vida e a obra de Byron, razão de ser do seu fascínio e celebridade e da originalidade da sua poesia:



Child-Harold é verdadeiro, por que detraz da dobrez que o dissimula apparece Byron a sorrir de dúvida; Manfredo é verdadeiro porque detraz da mascara que o disfarça, vislumbra-se o scepticismo de Byron.

Esta relação íntima, estreita, immediata, entre o protagonista e o poeta, entre a penna e a alma, o pensamento e o papel, fôra a causa efficiente, primária e capital, para ser havido Byron como o proto-typo da poesia moderna. (Motta 29)

Um mês depois, o artigo de “M.” sobre “A Litteratura Inglesa” a que já foi feita referência, vindo a público na mesma revista de Coimbra, reforça esta ideia:

Se procurarmos na familia dos homens de talento os que se assemelham a Byron, há typos que por muito semelhantes se confundem com elle. São os heroes que elle creou, os que animou com o seu sopro, e em que vivia a sua imagem. Conrad, Manfredo, Lara é Byron sombrio e independente; Beppo e D. João é Byron acerbo e ralhador; Marino Faliero é Byron conspirando contra a patria; Sardanapalo é Byron sepultando-se nas ruinas de um throno; Cain é Byron arrastado ao crime, cercado de remorsos e afrontando os céus. Talvez nunca houvesse escriptor eminente, cuja vida e obras fossem mais intimamente, mais estreitamente unidas uma á outra. (M. 58)

Apenas um dos artigos sobre Byron que encontrámos nos mais de trezentos periódicos compulsados contraria totalmente a onda de elogios ao poeta inglês, para a qual nem mesmo aqueles que o criticam por razões morais deixaram de colaborar: trata-se do texto “Os destinos da poesia contemporanea”, da autoria do poeta Pedro Augusto de Lima (1842-1883), publicado em 1865 no jornal *A Esperança*, um semanário literário e científico portuense dedicado ao público feminino. Escrevendo com o propósito de exaltar a poesia de Lamartine (1790-1869) e de Victor Hugo (1802-1885), que considera reconfortante, progressista, democrática, um estímulo dos generosos sentimentos do amor, da família, da religião e do trabalho, o articulista define-a por oposição à obra dos poetas “falsamente desalentados”, que infundem “o aborrecimento, o tédio e o indifferentismo



por quanto há de bello em nós e na natureza”, e pergunta: “Que póde aprender-se nos antigos livros de poesia? que a mulher atraiçoa? que o homem é um tigre? que Deus é injusto? De que servem essas doutrinas? Alguém aproveita com ellas?” É por isso que saúda no seu ensaio crítico o declínio da “poesia egoista” de Byron – “Byron declina e some-se nas trevas do scepticismo que elle proprio creára” (Lima 12) –, interrogando o leitor mais uma vez: “Que produziu a poesia byroniana? O scepticismo real ou fingido, o desprezo da mulher e o abandono da religião. Será isto com que devemos contar da poesia contemporanea?” (Lima 25).⁵

As palavras de Pedro Augusto de Lima parecem dar razão a um vaticínio feito anos antes, em Setembro de 1846, na revista *A Illustração*, quando um articulista anónimo disse que “Lord Biron será sempre considerado como um dos maiores genios da Grã-Bretanha, mas tambem julgo que com o andar do tempo elle perderá muita da estima publica” (“Epopéia entre os modernos” 92). Apontava-se nesse artigo que os poemas de Byron, se bem que “brilhantes pellas bellezas do estylo, força, e colorido”, pecavam pela “architectura, e unidades da fabula”; o talento do poeta residia em “descrever, e pintar” quadros, mas revelava dificuldades em ligá-los, dar-lhes unidade, manter coeso o fio das ideias. Esta crítica não constituía, porém, uma novidade na recepção valorativa de Byron na imprensa periódica portuguesa da época em estudo, porquanto vários anos antes, em 1837, n’*O Nacional*, de Lisboa, viera a público o artigo totalmente dedicado a “Lord Byron” já atrás mencionado, em que se elogia a sua linguagem na pintura dos objectos físicos, paixões e costumes, mas se reconhece um defeito a nível da “regularidade de composição”:

O poeta parece seguir as inspirações do momento e não um plano permeditado. Elle abandona a todo o momento a acção, e os seus heroes, para perder-se em longas digressões, e em um cahos de reflexões, e de modificações sublimes, é verdade, mas que de ordinário pouca ou nenhuma relação tem com o assumpto. Parece o Hamlet de Shakespear nos intervalos lucidos do seu furor.



Contudo, tais falhas são, no entender do colaborador do jornal, amplamente compensadas pelas belezas dos poemas do “gênio transcendente”, pelo que lhes chama “doces defeitos”.

O mais completo artigo sobre Byron a que o público leitor português teve acesso não foi, porém, nenhum dos já citados, mas o que saiu entre Janeiro e Abril de 1858 no *Archivo Pittoresco*, com o título “Lord Byron. Por M. Macaulay”. Não se trata, contudo, de um texto de autoria portuguesa e sim da tradução, por Lopes de Mendonça, do estudo crítico que Thomas Babington Macaulay fez da obra *Letters and Journals of Lord Byron with Notices of His Life*, de Thomas Moore (1779-1852), poeta irlandês que também teve algum eco na nossa imprensa periódica. Byron nomeou Moore seu executor literário e confiou-lhe um diário que por certo deitaria luz sobre aspectos da sua polémica vida, mas este, John Cam Hobhouse e o editor John Murray (1778-1843), entre outros, viriam a queimar o manuscrito dias após a morte de Byron, para preservar a sua memória (e a deles mesmos, talvez, como sugere Paul Douglass [14]). O desejo do poeta inglês de que a posteridade viesse a conhecer a sua vida escrita por ele próprio não veio, pois, a concretizar-se, mas Moore deu à estampa, em 1830, a obra acima mencionada, que constitui um documento fundamental para o conhecimento da biografia de Byron, não só porque Moore foi seu amigo por muitos anos, mas também porque foi um dos poucos que terá lido as memórias que foram destruídas e poderá, portanto, ter integrado na sua narrativa informações dela constantes.

Logo em 1831, Thomas Babington Macaulay (1800-1859), político Whig, poeta, historiador e crítico, publicou na *Edinburgh Review*,⁶ uma das mais influentes revistas britânicas do século XIX, uma resenha sobre a obra de Moore que, em 1858, Lopes de Mendonça (1826-1865) achou por bem traduzir e divulgar, por considerar que ninguém melhor que Macaulay havia retratado Byron e avaliado a ação que ele exercera sobre a poesia inglesa. Lopes de Mendonça diz-se convencido de que está a “fazer um serviço às letras” traduzindo do inglês este estudo sobre *Lord Byron*, “escrito por um



dos primeiros críticos do nosso século”, e, de facto, o seu trabalho reveste-se de particular importância, quer por trazer ao conhecimento dos leitores nacionais a imagem que Moore e Macaulay construíram de Byron e que tanta circulação teve, como porque no texto introdutório Lopes de Mendonça, ele próprio um dos poucos nomes que se destacaram no domínio da crítica literária no panorama da imprensa periódica do Portugal romântico, dá a sua opinião elogiosa sobre Byron, realçando que o poeta inglês soube exprimir, de modo brilhante, o “desgosto da vida” que tanto marcou o seu tempo, e contribuiu, com a fama e admiração que conseguiu conquistar internacionalmente, para o atenuar do ódio e da indignação que a Inglaterra, com o seu poder e riqueza, provocava sempre que abusava da sua força e violava os princípios do direito e da justiça. Quanto ao conteúdo do texto de Macaulay que o público leitor português pôde, assim, ler no seu idioma, são de destacar as considerações tecidas acerca da essência dos heróis byronianos:

Póde-se affoutamente afirmar que lord Byron nunca pôde conceber senão um único typo de homem e um único typo de mulher; o homem, altivo, caprichoso, cynico, com a desconfiança impressa na fronte, com o infortunio occulto no coração, escarnecendo da sociedade, implacavel na vingança, podendo contudo sentir uma affeição forte e profunda: a mulher, toda doçura e gentileza, gostando de fazer caricias e de recebê-las, porém capaz de ser transformada pela paixão n’uma fera indomavel. ... Os seus herois são sempre homens que chegaram, por differentes caminhos, ao mesmo termo de desespêro, que estão descontentes da vida, em guerra com a sociedade, que são apenas alentados na sua angustia por... orgulho indomavel. (Mendonça 330-331)

e um conjunto de reflexões sobre o Byron-ídolo, imitado pela juventude no trajar, no comportamento e na filosofia de vida:

Para a numerosa classe de mancebos, cuja leitura é quasi inteiramente dedicada ás obras de imaginação, a popularidade de lord Byron não tinha limites. Compravam retratos d’elle; conservavam, como reliquias, os mais insignificantes objectos que lhe houvessem



pertencido: sabiam os seus poemas de cór, e suppunham que nada havia de melhor n'este mundo do que escrever como elle, e assimilar-se a elle. Muitos d'elles collocavam-se defronte do espelho, com a esperança de reproduzir o movimento desdenhoso do seu labio superior, e o carregado das sobranças, que se notam n'alguns dos seus retratos. Outros não usavam de gravata para se parecerem com o seu grande idolo. ... Creou-se na mente de muitos d'estes entusiastas uma perniciosa e absurda associação entre o poder intellectual, e a depravação moral. Com a poesia de lord Byron fundaram um systema de philosophia, mixto de misanthropia e voluptuosidade, systema, no qual os dois grandes mandamentos eram, odiar o nosso proximo, e amar a mulher do nosso proximo. (Mendonça 332)

Concluindo, a imprensa periódica portuguesa, ao longo de todo o Romantismo, projectou com regularidade junto do público leitor uma imagem grandiosa de Byron, apenas por vezes obscurecida quando se recordam os versos detractores com que nos retratou em *Childe Harold's Pilgrimage*. Os jornais e revistas fizeram-se eco do fenómeno cultural que foi Byron, figura controversa e contraditória mas que fascinou mesmo os que o condenaram: por isso uma frase de um dos artigos recolhidos (*O Instituto*, 15/4/1860) resume bem a imagem de génio incontestado: “Redemptor para uns, e demonio tentador para outros, era Byron *admirado* por todos” (Motta 29).

¹ As anotações feitas por Hobhouse sobre a sua estada em Lisboa em 1809 foram deixadas num manuscrito em latim e inglês que Francisco José Magalhães deu à estampa em 1993. Ver *Obras Citadas*, sob o título *John Cam Hobhouse e Portugal*.

² Sobre este autor, ver nosso estudo: “A Grã-Bretanha na obra do romântico Francisco Maria Bordalo: imagens e referências”.

³ Carta a Francis Hodgson, datada de 16 de Julho de 1809, no original: “I am very happy here, because I loves oranges, and talks bad Latin to the monks, who understand it, as it is like their own, – and I goes into society (with my pocket-pistols), and I swims in the Tagus all across at once, and I rides on an ass or a mule, and swears Portuguese, and have got a diarrhoea and bites from the mosquitoes. But what of that? Comfort must not be expected by folks that go a pleasuring” (Prothero 233).

⁴ “Deixando para sempre a pátria, que honrara com o seu talento, o illustre poeta recordava com tristeza o que soffrera no seu paiz natal, aonde só a dignidade de par o salvara de gemer n'uma prisão ... Fatal destino do genio. Em guerra com o mundo, e até com sua propria mulher, endividado, calumniado, perseguido, o nobre viajante confiou ao mar a sua sorte, e foi procurar a consolação em longinquas praias” (Bordalo, “Byron!” 179).



⁵ Observe-se, contudo, que apesar dos efeitos perniciosos e corruptores que encontra na poesia de Byron, também Pedro Augusto de Lima, no seu volume de poesia *Ocasos*, vindo a público, com sucesso, no ano de 1867, deixa transparecer a importância que o poeta inglês assumiu no conjunto das suas leituras de literatura estrangeira, ao incluir entre as epígrafes que antepõe aos seus poemas versos de Byron, ao lado dos de Dante, Racine, Balzac, Hugo, Espronceda e Zorrilla.

⁶ *Edinburgh Review* 53, June 1831: 544-572.

Obras Citadas

Bordalo, Francisco Maria. "Byron!". *O Panorama. Jornal Litterario e Instructivo, da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, Volume XIV, Primeiro da Quarta Série, 22, 30 Maio 1857: 173-175; 23, 6 Junho 1857: 178-179; 24, 13 Junho 1857: 186-188; 25, 20 Junho 1857: 197-198.

---. "Paralelo entre as litteraturas alemã e ingleza." *O Panorama. Jornal Litterario e Instructivo, da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, Volume XIV, Primeiro da Quarta Série, 21, 23 Maio 1857: 164-165.

"Byron em Lisboa." *A Liberdade* 19, 26 Abril 1863: 1-2.

Castanheira, Maria Zulmira. "A Grã-Bretanha na obra do romântico Francisco Maria Bordalo: imagens e referências". *Novos Caminhos da História e da Cultura. Actas do XXVII Encontro da APEAA (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos)*. Org. por Carlos Ceia e Isabel Lousada . Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2007. 615-637.

---. "A Literatura Inglesa na Imprensa Periódica Portuguesa do Romantismo". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 17 (2008): 127-254.

Douglass, Paul. "Byron's life and his biographers". *The Cambridge Companion to Byron*. Edited by Drummond Bone. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.7-26.

"Epopéia entre os modernos". *A Ilustração*, Vol. II, 4, Julho 1846: 72, 78-79; 6, Setembro 1846: 91-92.

Flor, João Almeida. "Byron em Português: para o estudo histórico-cultural da tradução literária". *Dedalus. Revista Portuguesa de Literatura Comparada* 5 (1995): 175-184.



-
- Herculano, Alexandre. "De Jersey a Granville". *Cenas de um ano da minha vida. Poesia e meditação [1831-1832]. Apontamentos de viagem [1853-1854].* Prefácio e notas de Vitorino Nemésio. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.
- . *O Pároco de Aldeia. O Galego. Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé.* Prefácio e revisão de Vitorino Nemésio. Verificação do texto e notas de Maria Petronila Limeira. Venda Nova: Livraria Bertrand, 1969.
- . "Poesia. Imitação – Bello – Unidade." *Repositorio Literario da Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura do Porto* 11, 15 Março 1835: 84-88.
- Lima, Pedro Augusto de. "Os destinos da poesia contemporanea". *A Esperança*, Vol. I, 2, 1865: 12-13; 4, 1865: 25-26.
- "Lord Byron." *O Nacional* 881, 18 Novembro 1837: 7109.
- "Lord Byron". *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*, Segunda Série, Vol. I, 9, 1842: 106-107 [com estampa].
- M.. "A Litteratura Ingleza." *O Instituto*, Vol. IX, 4, 15 Maio 1860: 57-58.
- Magalhães, Francisco José. *John Cam Hobhouse e Portugal. Diário de Viagem – 1809 (Lisboa, Sintra, Aldeia Galega, Montemor-o-Novo, Arraiolos, Estremoz e Elvas).* Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- Mendonça, Lopes de, trad. "Lord Byron. Por M. Macaulay." *Archivo Pittoresco*, Tomo I, 31, Janeiro 1858: 242-243; 32, Fevereiro 1858: 253-255; 33, Fevereiro 1858: 258-260; 34, Fevereiro 1858: 270-272; 36, Março 1858: 282-284; 38, Março 1858: 298-299; 42, Abril 1858: 330-333.
- Motta, A. Victorino da. "Byron". *O Instituto*, Vol. IX, 2, 15 Abril 1860: 28-29; 3, 1 Maio 1860: 43-44.
- Prothero, Rowland E., ed. *The Works of Lord Byron. A new, revised and enlarged edition, with illustrations. Letters and Journals.* Vol. I. London: John Murray, New York: Charles Scribner's Sons, 1898.
- "Quatro contemporaneos." *A Illustração*, Vol. I, 7, Outubro 1845: 106, 115-116, 119-120.
- Silva, L. A. Rebelo da, "A Eschola Moderna Litteraria." *A Epoca*, Tomo I, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 25, 27 (1848): 105-109, 121-124, 136-139, 152-156, 234-238, 249-253, 388-391, 421-424.
- Sousa, Maria Leonor Machado de. " 'Tempting Demon': The Portuguese Byron". *The Reception of Byron in Europe. Volume I: Southern Europe, France and*



Romania. Ed. Richard Cardwell. London and New York: Thoemmes
Continuum, 2004. 164-187.